



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA DA GLÓRIA BARROS TRAJANO COSTA

**AS DIMENSÕES CONSTITUTIVAS DA LITERATURA INFANTIL E A
PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Campina Grande – PB

2017

MARIA DA GLORIA BARROS TRAJANO COSTA

**AS DIMENSÕES CONSTITUTIVAS DA LITERATURA INFANTIL E A
PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

Campina Grande – PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837d Costa, Maria da Glória Barros Trajano
Dimensões constitutivas da literatura infantil e a prática pedagógica no contexto da educação infantil [manuscrito] / Maria Da Gloria Barros Trajano Costa. - 2017.
25 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão, Departamento de Pedagogia".

1. Literatura Infantil 2. Educação infantil 3. Prática pedagógica I. Título.

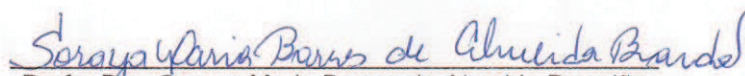
21. ed. CDD 028.5

MARIA DA GLORIA BARROS TRAJANO COSTA

AS DIMENSÕES CONSTITUTIVAS DA LITERATURA INFANTIL E A
PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO
INFANTIL

Aprovado em 08/08 /2017

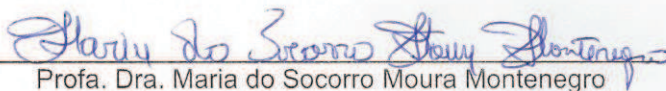
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão
Orientadora – UEPB



Prof. Dra. Glória Maria Leitão de Sousa Melo
Examinador – UEPB



Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro
Examinadora – UEPB

À toda minha família, meus pilares e inspiração,
por todo amor e carinho a mim dedicados.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus meu AMOR MAIOR, fonte de toda inspiração, fé e determinação, e responsável por mais essa conquista. Ele que me concedeu o mais belo dom, que é a vida, e sempre esteve comigo, sendo presença viva e constante em meu coração, toda minha eterna gratidão;

aos meus pais Antônio Trajano (*in memoriam*) e Lúcia Barros, exemplo de caráter e determinação, que me ensinaram os mais singelos valores humanos, e nunca se cansaram de me mostrar os valores da educação. Não existem palavras que possam traduzir o amor que sinto, e a importância destas pessoas tão especiais em minha vida, a eles toda minha gratidão;

às minhas filhas, Letícia e Giovanna, que são para mim o amor em sua mais pura essência;

às minhas irmãs, que significam a tradução do que é família e amor para mim. Meu agradecimento muito especial, a cada uma delas, por tudo o que representam na minha vida;

aos meus sobrinhos e sobrinhas que dão cor e alegria aos meus dias;

à Universidade Estadual da Paraíba, por meio do curso de Licenciatura em Pedagogia, pelo nível de qualidade e compromisso com a formação dos alunos;

à minha orientadora, Dra. Soraya Brandão, por quem tenho profunda admiração. Agradeço por acreditar em mim e no meu potencial. É para mim um exemplo de inteligência, determinação e de pessoa humana;

aos professores integrantes da banca examinadora pelas enriquecedoras discussões e contribuições;

à todos os professores do Centro de Educação, por todo apoio, incentivo e comprometimento com o crescimento e profissionalização dos estudantes;

a todos os que contribuíram de forma direta e indireta para a realização deste trabalho.

Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar.

Monteiro Lobato

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA INFANTIL E A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA	10
2.1 Aspectos históricos e conceituais	10
3. EDUCAÇÃO INFANTIL: ENFOQUES IMPORTANTES.....	14
4. A LITERATURA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIMENSÕES CONSTITUTIVAS	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS.....	23

RESUMO

O presente estudo, intitulado “As dimensões constitutivas da Literatura Infantil e a prática pedagógica no contexto da Educação Infantil” tem como objetivo discutir as práticas pedagógicas referentes à Literatura Infantil no contexto escolar, considerando suas dimensões constitutivas. O mesmo surgiu da necessidade de se pensar uma prática pedagógica com vistas à formação do leitor, desvencilhando da visão moralista e/ou conteudista que esta tem assumido ao longo dos tempos. Sabemos que apesar de pesquisas apontarem para a negatividade didático-pedagógica em que muitos professores abordam a Literatura Infantil, ainda evidenciamos, no interior das instituições escolares, que essa prática tem se dado de forma mecânica, basicamente como pretexto, ou seja, como ferramenta para o ensino de ortografia e gramática. Partindo desta argumentação, julgamos interessante levantar os seguintes questionamentos: Quais as implicações da inserção da Literatura Infantil no cotidiano das crianças da Educação Infantil? Que práticas pedagógicas deveriam ser desenvolvidas junto às crianças de zero a cinco anos de idade em relação à Literatura Infantil? Qual a importância da literatura na formação das crianças? Para abordarmos a problemática aqui delimitada, utilizamos a pesquisa bibliográfica, com base nos estudos de Carvalho (1989), Zilberman (1985/2005), Ariès (1981), Rousseau (1999), Cademartori (1986), Abramovich (1995), Kramer (2006), Rocha (1999), Brandão (2009), Debus (2006), Amarilha (1997), dentre outros. Diante desses estudos, vimos que a Literatura Infantil constitui-se um recurso fundamental no desenvolvimento de comportamentos leitores e o gosto pela leitura desde cedo, pois mesmo antes de aprender a ler, as crianças, ao ver um adulto lendo, ao ouvir uma história contada por ele, já começam a se interessar pelo mundo das palavras.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Educação Infantil. Prática Pedagógica.

1. INTRODUÇÃO

Leituras pretéritas sobre a inserção da Literatura Infantil na escola têm revelado que essa prática tem se dado de forma mecânica, basicamente como pretexto, ou seja, como ferramenta para o ensino de ortografia e gramática. Nesse sentido, atribuiu-se à Literatura Infantil a tarefa educativa cumprindo o papel de transmissor de conteúdos, o que distancia a criança do prazer da leitura.

Contrapondo-se a isso, vários estudos têm mostrado a importância da Literatura Infantil desde a pequena infância, no sentido de desenvolver o gosto pela leitura, além de levar a criança a mergulhar no mundo encantado da literatura desenvolvendo nela a arte de narrar. Nesse sentido, o processo de formação de leitor deve começar bem

cedo, mesmo antes de iniciado o processo de alfabetização. Assim sendo, é importante propiciar à criança o contato com diferentes gêneros discursivos.

De acordo com o Referencial Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p.139),

A ampliação do universo discursivo da criança também se dá por meio do conhecimento da variedade de textos e manifestações culturais que expressam modos e formas próprias de ver o mundo, de viver, de pensar [...] músicas, poemas e histórias são um rico material para isso.

Nesse sentido, a Literatura Infantil constitui-se uma ferramenta crucial para a formação do leitor, uma vez que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. De acordo com Carvalho (1989, p. 17), “as estórias são para a criança o que foram as parábolas de Cristo para os cristãos, para os homens: sementes para germinar e frutificar”. Vale ressaltar que falar em leitura na Educação Infantil não implica no ato de decodificar, mas, sobretudo, contribuir com o processo de formação do leitor competente, utilizando diferentes recursos para se tornar uma atividade atrativa e significativa para a criança.

Ainda se tratando da leitura nesse nível de educação, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI – (1998, p.131) traz como objetivo:

- Ampliar gradativamente suas possibilidades de comunicação e expressão, interessando-se por conhecer vários gêneros orais e escritos e participando de diversas situações de intercâmbio social nas quais possa contar suas vivências, ouvir as de outras pessoas, elaborar e responder perguntas;
- Familiarizar com a escrita por meio de manuseio de livros, revistas e outros portadores de textos e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário;
- Escutar textos lidos, apreciando a leitura pelo professor;
- Escolher os livros para ler e apreciar.

Partindo desta argumentação, julgamos interessante levantar os seguintes questionamentos: Quais as implicações da inserção da Literatura Infantil no cotidiano das crianças da Educação Infantil? Que práticas pedagógicas deveriam ser

desenvolvidas junto às crianças de zero a cinco anos de idade em relação à Literatura Infantil? Qual a importância da literatura na formação das crianças?

Diante disso, temos como objetivo discutir as práticas pedagógicas referentes à Literatura infantil no contexto escolar, considerando suas dimensões constitutivas.

Assim sendo, julgamos interessante desenvolver reflexões sobre como se proceder a essa inserção da Literatura Infantil nessa etapa de educação. Isto significa que além de pensar se é ou não importante, também é conveniente refletir a maneira de inserir a Literatura nas salas de pequenos aprendizes. Essas reflexões devem ser enriquecidas com argumentos explicativos sobre como o percurso histórico da Literatura Infantil, bem como o processo de compreensões conceptivas acerca da Educação Infantil e desse universo narrativo.

Para isso, realizamos um estudo bibliográfico com base nos aportes teóricos de Carvalho (1989), Zilberman (1985/2005), Ariès (1981), Rousseau (1999), Cademartori (1986), Abramovich (1995), Kramer (2006), Rocha (1999), Brandão (2009), Debus (2006), Amarilha (1997), dentre outros.

O presente estudo inicia-se com um breve histórico da Literatura Infantil e da concepção de infância, seguido de considerações em relação à Educação Infantil, bem como das dimensões constitutivas da Literatura Infantil nesse nível de educação, enfocando a importância desta no desenvolvimento da criança, considerando a formação do leitor.

2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA INFANTIL E A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA

2.1 Aspectos históricos e conceituais

Os primeiros livros direcionados ao público infantil surgiram no século XVIII, quando, em 1697, Charles Perrault publicou os famosos Contos da Mamãe Gansa. Segundo Cunha (2004), em sequência, surgiram os famosos clássicos escritos por Perrault, Irmãos Grimm, Andersen, Lewis Carrol, dentre outros, que fizeram adaptações do folclore e dos contos de fadas. Antes, conforme aponta Zilberman (1985), toda a literatura era voltada para o público adulto e aproveitada para as

crianças, uma vez que estas eram consideradas adultos em miniaturas. De acordo com Ariès (1981), até o século XVII, não havia um mundo infantil, ou seja, uma separação entre crianças e adultos, o que as levavam a participar de todas as práticas adultocêntricas. Para Áries (1981, p.10), mal a criança adquiria um desembaraço físico já era misturada aos adultos, tendo sua infância reduzida aos primeiros anos de vida, ou seja, ao período mais frágil de vida, especificamente quando ainda dependia do adulto para realizar suas atividades básicas.

De acordo com Zilberman (1985, p. 131),

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros.

Diante disso, como já mencionamos acima, toda prática destinada às crianças eram adultizadas, inclusive os livros de literatura, que tinham um propósito didático-pedagógico de cunho moralista (embora, até hoje pode-se trabalhá-lo de forma a desconstruir essas ideias tradicionais e com um único sentido), fundamentalmente formativo, ou seja, usados para estimular a obediência, especificamente seguindo os preceitos religiosos que tinham como foco a dicotomia entre o bem e o mal, a exemplo da maioria dos contos de fadas e fabulas. Não havia, portanto, uma preocupação da Literatura Infantil como fonte de prazer.

Mesmo com o surgimento, na Idade Moderna, de uma nova concepção de infância, em que a criança é entendida como um sujeito diferente do adulto provida de características e necessidades próprias, ainda é recorrente a prática adultocêntrica, destinada a criança. Com isso, vários estudos em Psicologia desvelaram a necessidade de se pensar uma prática voltada para essa “nova criança”.

Em relação a esse novo pensar sobre a criança, Rousseau (1999), em sua obra *Emílio ou Da Educação* (1999), defende a infância como um momento específico. Para ele, o adulto deve saber quais são os sentimentos, os pensamentos e os interesses das crianças, para não impor-lhes os seus. Nesse sentido, o autor atenta para o lugar diferenciado da infância na vida do homem, assim como a especificidade de cada uma

das fases de desenvolvimento: infância, adolescência, vida adulta e velhice. Isso nos leva a entender que a partir do reconhecimento do lugar próprio destinando à criança, práticas educacionais específicas, vestuário, alimentação, livros, costumes morais, tratamentos médicos, entre outros modos de cultura, também específicos, foram surgindo.

Não podemos negar a visibilidade dos avanços em relação ao lugar que hoje a criança ocupa na sociedade, sobretudo do ponto de vista legal, mas, vale ressaltar que mesmo com o surgimento de artefatos destinados a criança, como a Literatura Infantil, esse caráter moralizante em que se pretendia moldar as crianças teve seu espaço até as duas primeiras décadas do século XX, embora saibamos que ainda hoje se observa livros de Literatura Infantil e práticas pedagógicas voltadas para esse propósito e, ainda, com um modelo educacional que traz uma extrema preocupação e supervalorização dos conteúdos escolares. Sabendo que essas práticas são totalmente equivocadas, quando falta ao professor leituras a esse respeito.

É preciso, portanto, pensar numa práxis que respeite a especificidade da criança e, nesse contexto, elegemos a Literatura Infantil como um artefato que leve a criança a adentrar no universo dos contos maravilhosos, os quais a envolve no misterioso mundo da fantasia, não mais regida de princípios normativos.

Diante disso, não cabe uma prática pedagógica que utilize desse gênero literário como um recurso didático-pedagógicos e/ou com fins moralizantes, transmitindo normas de comportamento, pois isso afasta o leitor que poderíamos formar.

Voltando a questão do surgimento da Literatura Infantil, estudos mostram que esse gênero, em uma linguagem dirigida às crianças, teve início no Brasil com Monteiro Lobato, por volta de 1921, especificamente com a obra “A menina do nariz arrebitado”, à qual se seguiriam muitas outras. Com isso, o autor cria um mundo próprio para as crianças no universo literário, possibilitando à criança a imaginação e a criatividade. Nesse sentido, as obras lobatianas não trazem mais o cunho moralista e os livros infantis começavam a se firmar no cenário brasileiro. De acordo com Cademartori (1986, p.51),

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional

nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário.

Atualmente, estudos sobre a Literatura Infantil, conforme aponta Abramovich (1995), evidenciam que a sua inserção no contexto escolar, especificamente na Educação Infantil, é muito mais ampla e mais importante do que simplesmente moralizar. Nesse sentido, a autora afirma que a Literatura Infantil proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo indiscutíveis.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem a cara de aula (ABRAMOVICH, 1995, p.17),

Mesmo diante de uma grande discussão acerca do caráter pedagógico e moralizante presente nas práticas do uso da Literatura Infantil na escola, observa-se que até hoje, com raras exceções, ela permanece assumindo uma ferramenta pedagógica. Segundo Regina Zilberman (1985, p. 13-14), “até hoje, a Literatura Infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença deste objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança”.

Com isso, a autora supracitada, chama a atenção para o fato de que a Literatura Infantil tem sua importância na formação do hábito de leitura, devendo esta ser respeitada e considerada como arte, sem pretextos para sua utilização como mera fonte didático-pedagógica. A referida autora aponta, ainda, que um grande problema relacionado à leitura é entendê-la como um ato de decodificação.

Sendo assim, torna-se imprescindível que os educadores promovam a interação a texto-leitor, no sentido de desenvolver na criança o prazer de ler e ouvir histórias.

Assim compreendida, a Literatura Infantil deve ser estimulante à curiosidade e aos interesses da criança e não como conteúdo pedagógico e/ou recurso para formação de hábitos e valores morais.

Sobre isso, Abramovich (1995, p.149) afirma que

[...] a preocupação básica seria formar leitores porosos, inquietos, críticos, perspicazes, capazes de receber tudo o que uma boa história traz, [...] Literatura é arte, literatura é prazer... que a escola encampe esse lado. É apreciar – e isso inclui criticar... Se ler for mais uma lição de casa, a gente sabe bem no que é que dá... Cobrança nunca foi passaporte ou aval para vontade, descoberta ou para o crescimento de ninguém.

Partindo desse pressuposto, é importante que se crie no contexto escolar um ambiente favorável desenvolvendo a literatura em sala de aula de forma prazerosa e de maneira lúdica, de forma que a criança seja sujeito ativo, que compartilhe situações significativas de leitura. Só reiterando o que acabamos de dizer, a inserção da Literatura Infantil no contexto escola é, também, a inserção das crianças em um mundo mágico, prazeroso e divertido. É viajar pelo mundo contagiante dos contos de fadas, cujos caminhos as levam ao desenvolvimento da leitura, da escrita, da criatividade, dentre muitos outros aspectos. Basta que o professor deixe de utilizá-la com fins puramente didáticos, portanto, nada de cobranças didáticas. E é partindo desta ótica que se pretende compreender a relevância da Literatura Infantil, conforme veremos posteriormente.

3. EDUCAÇÃO INFANTIL: ENFOQUES IMPORTANTES

Refletir sobre a inserção da Literatura Infantil no contexto escolar requer que façamos uma breve discussão sobre a Educação Infantil, considerando que esse nível de educação assume, atualmente, um estatuto novo, cuja proposta pedagógica deve estar voltada para as especificidades e particularidades da criança pequena.

Vale ressaltar que antes da Constituição Federal de 1988, pouco se fazia em relação às políticas de atendimento à educação de crianças de 0 a 6 anos. Essas, por sua vez, eram acomodadas em instituições assistencialistas, cujas práticas estavam voltadas exclusivamente para o cuidado. A partir da Carta Magna, novos encaminhamentos foram dados à infância, agora norteados por uma concepção de criança como sujeito de direitos. Com isso, a Educação Infantil em creches e pré-escolas passa a ser um dever do Estado e um direito da criança (artigo 208, inciso IV).

Hoje, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB Nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996, a educação das crianças adquire uma grande expressão nas políticas educacionais, rompendo com o caráter assistencialista, dando lugar a educação e o cuidado. De acordo com a referida lei, “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Art. 29).

Diferentemente dos outros níveis, a Educação Infantil traz em seu formato uma prática voltada para as especificidades e particularidades da criança pequena, o que requer um conhecimento aprofundado, pelos professores, sobre a infância e as ações pedagógicas a elas destinadas. Para Kramer (2006, p. 15),

[...] Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir de seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância. As crianças brincam, isso é o que as caracteriza.

É importante ressaltar que essas ações, hoje, são norteadas pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI – (BRASIL, 1998), que traz em seu conteúdo a indissociabilidade entre cuidar e o educar. O educar é relevado à dimensão lúdica das atividades enfáticas ao desenvolvimento integral da criança. Nessa nova forma de pensar a Educação Infantil, a criança, antes defendida como frágil, incompleta ou mesmo como uma ameaça à ordem, cede lugar à criança produtora de cultura. Nesse sentido, evidencia-se que a ação pedagógica dos professores deve ter como eixo a ludicidade, utilizando as múltiplas linguagens.

Ainda quanto ao educar, O RCNEI (BRASIL, 1998 p. 23) aponta que

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade ‘social e cultural’. É certo que a educação infantil constitui-se a base que dará sustentação para toda

vida da criança, não se constitui, portanto, num tempo de preparação para a escolaridade futura.

Partindo desse pressuposto, entendemos que a prática pedagógica destinada a Educação Infantil deve ser um processo ativo e dinâmico, considerando as particularidades das crianças pequenas. Nesse sentido, o brincar constitui-se uma linguagem importantíssima no desenvolvimento e na aprendizagem da criança. Conforme atesta muitos estudos, a função educativa da brincadeira oportuniza a criança uma aprendizagem de forma prazerosa e envolvente favorecendo a construção de significados de conhecimentos próprios do mundo da criança.

Considerando essas particularidades da criança, o RCNEI (BRASIL, 1998, p.13) apresenta alguns princípios que devem sustentar o trabalho na Educação Infantil, considerando as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas das crianças de 0 a 5 anos, tais como:

- O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas, etc.;
- o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;
- o acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;
- a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;
- o atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade.

De acordo com o exposto acima, entendemos que ao se elaborar a proposta pedagógica para a Educação Infantil, deve-se considerar as peculiaridades do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças de zero a cinco anos de idade. Admitir como critério para uma Educação Infantil de qualidade, a criança como ponto de partida é, acima de tudo, entendê-la como produto e produtora de cultura. De acordo com Rocha (1999, p. 62).

[...] a dimensão que os conhecimentos assumem na educação das crianças pequenas coloca-se numa relação extremamente vinculada

aos processos gerais de constituição da criança: a expressão, o afeto, a sexualidade, a socialização, o brincar, a linguagem, o movimento, a fantasia, o imaginário, (a cultura), as suas cem linguagens.

Nesse sentido, a autora aponta para que se compreenda a criança a partir de si própria, ou seja, que as práticas pedagógicas destinadas à criança atendam as suas necessidades. Com isso, é importante conhecermos os processos de constituição da criança em suas dimensões intelectuais, sociais, emocionais, expressivas, culturais e interacionais, no sentido de proporcionar-lhes uma Pedagogia da Infância considerando-a como ator social que produz cultura.

Nesse campo, defendemos que as práticas pedagógicas na Educação Infantil devem considerar as manifestações infantis como centro de sua proposta, cujo conteúdo deve ser voltado as suas narrativas, suas formas de ver, sentir e conhecer o mundo, tendo a brincadeira como atividade por excelência.

Sendo assim, muitas discussões devem ser realizadas para que se possa apreender o universo da Educação Infantil, o que implica num maior conhecimento acerca do desenvolvimento profissional, bem como sobre o desenvolvimento integral da criança pequena.

Sob essa perspectiva, nos interessa repensar o espaço da Literatura nesse nível de educação, haja vista que a criança com sua especificidade, seu ritmo, suas experiências e vivências, devem ser respeitadas em suas características evolutivas, interesses e necessidades. Isso se justifica pelo fato de que muitas propostas educativas deixam considerar o universo natural e cultural da criança, privilegiando o desenvolvimento cognitivo com ênfase na leitura e na escrita propriamente dita.

Segundo Brandão (2009, p.119),

[...] se olharmos as práticas cotidianas, esses discursos nem sempre se legitimam, uma vez que continuamos assistindo à fragilidade e a recorrência de ações educativas pautadas em práticas mecanicistas, que em nada contribuem na formação desse sujeito que se pretende nos discursos oficiais. Na verdade, o que presenciamos são práticas pedagógicas insólitas, ou seja, toda a ação pedagógica tem caminhado em sentido contrário a formação do sujeito leitor.

Como já falamos ao longo deste estudo, a prática pedagógica em relação à leitura literária é demarcada por ações escolarizantes, basicamente para o ensino de leitura e exploração de conteúdos.

Segundo Pacievitch (2008), dentre as necessidades da criança está a estimulação ao desenvolvimento de habilidades inerentes à leitura e escrita. No entanto, essa prática não deve constituir-se como uma prática estanque, mas um processo ativo e construtivo. Nesse sentido, as histórias funcionam como um recurso importante no desenvolvimento da linguagem. Quanto à utilização desse recurso, nos deteremos no ponto a seguir.

4. A LITERATURA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIMENSÕES CONSTITUTIVAS

Estudos revelam que desde muito cedo as crianças já começam a se interessar pelo mundo imaginário dos contos de fadas. E esse é o primeiro passo para se tornarem leitores literários - percurso que vai se estender até o a vida adulta. A sua importância, conforme já sinalizamos ao longo deste estudo, vai muito mais além do que um instrumento de ensinar a ler e escrever, uma vez que permite o desenvolvimento da imaginação e da criatividade tão presente na infância, bem como a compreensão de valores, confronto com diferentes culturas, crenças, opiniões e informações diversas, além da introdução da criança no mundo das palavras. Vale ressaltar que é na exploração da fantasia e da imaginação que se instiga o gosto pela leitura.

De acordo com Bettelheim (1996, p. 20),

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança

Com base nisso, reafirmamos que a Literatura Infantil deve estar presente na vida da criança de forma convidativa e prazerosa. A mesma, conforme defende Abramovich (1995), é constituída em sua essência, por pressupostos lúdicos, isto é,

por elementos mágicos, levando a criança ao mundo fantasioso. Para a autora, escutar histórias pode ser o início de se tornar um leitor. Ademais, é ouvindo histórias, mergulhando no universo fantasioso da literatura que a criança compreende o mundo que o cerca. “As histórias podem fazer a criança ver o que antes não via, sentir o que não sentia e criar o que antes não criava. O mundo pode se tornar outro, com mais significados e mais compreensões” (ABRAMOVICH, 1995, p. 23).

A despeito dos estudos acima citados apontarem um novo olhar para a Literatura Infantil no contexto escolar, é salutar considerar que esta, muitas vezes, não está sendo explorada como se deve. Assim sendo, é importante que os professores estabeleçam uma relação prazerosa entre a criança e o livro. Para isso, deve-se abrir um espaço para a expressão livre, apresentando a leitura de uma forma estimulante, tornando os livros tão acessíveis e prazerosos quanto os brinquedos, o que implica em levar a criança ao prazer da ler e escrever através de experimentações e vivências lúdicas e criativas.

Segundo Britton (apud KATO, 1997, p. 41),

Ao ouvir histórias, a criança vai construindo seu conhecimento da linguagem escrita, que não se limita ao conhecimento das marcas gráficas a produzir ou a interpretar, mas envolve gênero, estrutura textual, funções, formas e recursos linguísticos. Ouvindo histórias, a criança aprende pela experiência a satisfação que uma história provoca; aprende a estrutura da história, passando a ter consideração pela unidade e sequência do texto; associações convencionais que dirigem as nossas expectativas ao ouvir histórias; o papel esperado de um lobo, de um leão, de uma raposa, de um príncipe; delimitadores iniciais e finais ('era uma vez... e viveram felizes para sempre') e estruturas linguísticas mais elaboradas, típicas da linguagem literária. Aprende pela experiência o som de um texto escrito lido em voz alta.

Em concordância com Britton, defendemos que a entrada da criança no universo da leitura e da escrita deve ser através da contação de histórias, onde sonho, fantasia e imaginação se misturam numa realidade única, possibilitando à criança a leitura por prazer, sem esbarrar em práticas escolares sem significados.

Quanto a isso, Debus (2006, p.36) afirma que “a relação da criança com o livro ultrapassa os limites do texto impresso e ganha sentido também pelos sentidos”.

Defende, também, que os professores devem aproximar o máximo possível o livro literário da ludicidade que se instala nas brincadeiras. Nesse sentido, a autora afirma que os livros devem ser considerados como brinquedos que possam ser vivenciados de corpo inteiro, onde as crianças possam ler com os olhos, ler com as mãos, ler com os pés, ler com a boca, ler com o nariz, enfim, livros que levem a criança a descortinarem o mundo a partir de múltiplas linguagens.

Ainda em relação ao mundo fantasioso da Literatura Infantil, Benjamin (2002, p.69) aponta que a criança vive seus conflitos, medos e dúvidas de forma intensa por meio da sua projeção nos contos infantis. De acordo com o autor, “não são as coisas que saltam das páginas em direção à criança que as vai imaginando - a própria criança penetra nas coisas durante o contemplar, como nuvem que se impregna do esplendor colorido desse mundo pictórico”. Com isso, reafirmamos que a inserção da Literatura Infantil no contexto escolar é muito mais do que ensinar a ler e escrever, conforme vimos até o momento.

Nesse sentido, Amarilha (1995, p. 19) diz que “pelo processo de ‘viver’ temporariamente os conflitos, angústias e alegrias dos personagens da história, o receptor multiplica as suas próprias alternativas de experiências do mundo, sem que com isso corra risco algum.” Entendemos, com isso, que as experiências vivenciadas pela criança nesse mundo ficcional a leva a entender melhor o mundo que a cerca. Isso demonstra que é por meio da fantasia do universo mágico do conto de fadas em que a criança está imersa, que ela apreende o mundo, pois esta magia contida na Literatura Infantil é o que mais se aproxima do universo infantil, ou seja, os contos de fadas são para as crianças, o que há de mais real dentro delas.

Bruno Bettelheim (1996, p. 31) defende que os contos de fadas são a melhor Literatura Infantil, uma vez que os conflitos neles existentes dá a criança uma explicação para aos próprios conflitos. Nesse sentido, o autor defende que:

[...] as imagens dos contos de fadas ajudam as crianças melhor do que qualquer outra coisa na sua tarefa mais difícil e, contudo, a mais importante e satisfatória: conseguir uma consciência mais madura para civilizar as pressões caóticas de seus inconscientes (BETTELHEIM, 1996, p. 31).

Em outras palavras, o autor quer dizer que o mundo fantasioso dos contos de fadas proporciona à criança a solução para seus problemas, uma vez que favorece a ela uma maturação psicológica, afetiva e cognitiva.

Além disso, conforme afirma Amarilha (1995, p. 19), “[...] o encontro da criança com esse mundo ficcional abre caminhos para a formação do leitor, uma vez que esta, a cada experiência vivida, mais adentra no mundo das palavras, mais tecerá as teias do mundo literário”.

Isso nos abre caminhos para refletirmos sobre as práticas pedagógicas vivenciadas no contexto da Educação Infantil, quando, muitas vezes, a Literatura Infantil é usada como pretexto para ensinar gramática, contemplando de forma mecanizada os signos linguísticos, através de atividades repetitivas, negando a importância que tem a literatura em si mesmo, ou seja, ler pelo prazer de ler, bem como os seus determinantes no processo de desenvolvimento da criança, tais como os aspectos afetivo, social, cultural, dentre outros. Segundo Brandão (2009, p.119, 120),

[...] o grande problema é que professores e professoras, em sua maioria, só se reconhecem como competentes quando recheiam suas práticas com atividades escritas. Pode-se concluir, com isso, que o conhecimento só é válido se estiver estampado em letras e números. [...]. Esse fato, ao contrário disso, vai inibir o desenvolvimento simbólico da criança, referencial fundamental no processo de construção de conhecimento. E esse desenvolvimento simbólico se dá no espaço da contação de histórias, da dramatização, da música, da brincadeira, da cooporeidade.

Diante disso, é preciso (re)significar a prática pedagógica referente à Literatura Infantil, com vistas a uma efetiva formação do leitor, despertando a criatividade, a imaginação, a curiosidade, propondo situações em que torne a hora da leitura um momento de prazer, colocando a criança em contato direto com a fantasia.

Em relação a isso, Coelho (2000, p.27) afirma que “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização [...]”.

Vale ressaltar que a inserção da Literatura Infantil deve ocorrer no contexto da Educação infantil desde a mais tenra idade, uma vez que as crianças são levadas ao

mundo da leitura pelos aspectos lúdicos, imaginativos e simbólicos que esse recurso propõe, bem como pelo encantamento e musicalidade da voz daquele que ler e/ou conta histórias. Além de todas essas dimensões citadas ao longo deste estudo, não podemos deixar de evidenciar a Literatura Infantil como um recurso extremamente importante no desenvolvimento narrativo da criança.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos realizados no presente trabalho, cujo objetivo foi discutirmos sobre as práticas pedagógicas referentes à Literatura infantil no contexto escolar, considerando suas dimensões constitutivas, fica evidente a importância da literatura no contexto da Educação Infantil como um espaço privilegiado na formação do leitor, onde a imaginação e criatividade constituem-se fundamental para que a criança descubra o mundo.

No tocante a essa importância, o mesmo nos possibilitou compreendermos que através da ludicidade em que a Literatura Infantil deve ser inserida no contexto escolar, a criança mergulha no mundo imaginário, construindo seus pensamentos de forma significativa, aumentando sua capacidade de imaginar, interagir, pensar, criar, socializar, entre outros. Nesse sentido, a Literatura Infantil é essencial para o desenvolvimento da criança, tendo em vista que contar e ouvir histórias é indispensável à formação de sujeitos no que diz respeito ao desenvolvimento emocional, social, cultural e cognitiva da criança, dentre outros.

Ademais, com base nos resultados obtidos na pesquisa, verifica-se que o tratamento adequado com a Literatura Infantil na escola, favorece o interesse da criança quanto à leitura e à escrita. Ao contrário disso, ou seja, uma prática da Literatura Infantil que visam apenas à habilidade de leitura ou como instrumento para moralizar torna-se inadequada para a formação de leitor.

Com base nisso, concluímos que o trabalho pedagógico abordando a literatura na Educação Infantil deve distanciar-se da função conteudista e moralista que esta tem assumido ao longo dos anos.

Nesse sentido, é importante que os educadores proporcionem para as crianças experiências prazerosas e significativas com a Literatura Infantil, promovendo espaços

onde elas possam sonhar, brincar, criar, interagir com o outro, dentre outras manifestações constituidoras da infância.

ABSTRACT

The present study, entitled "The Constitutive Dimensions of Children's Literature and Pedagogical Practice in the Context of Early Childhood Education", aims to discuss pedagogical practices concerning children's literature in the school context, considering its constitutive dimensions. The same arose from the need to think of a pedagogical practice with a view to the formation of the reader, disentangling from the moralist and / or content view that it has assumed over time. We know that although research points to the didactic-pedagogical negativity in which many teachers approach Children's Literature, we still show within school institutions that this practice has been given mechanically, basically as a pretext, that is, as a tool for The teaching of spelling and grammar. Based on this argument, we consider interesting to raise the following questions: What are the implications of the insertion of Children's Literature in the daily life of children in Early Childhood Education? What pedagogical practices should be developed among children from zero to five years of age in relation to Children's Literature? What is the importance of literature in the training of children? In order to approach the problematic defined here, we used bibliographical research, based on studies by Carvalho (1989), Zilberman (1985/2005), Ariès (1981), Rousseau (1999), Cademartori (1986), Abramovich (2006), Rocha (1999), Brandão (2009), Debus (2006), Amarilha (1997), among others. In view of these studies, we have seen that Child Literature is a fundamental resource in the development of reading behaviors and the taste for reading at an early age, because even before learning to read, children, seeing an adult reading, hearing a story told for him, are already beginning to take an interest in the world of words.

Keywords: Children's literature. Child education. Pedagogical Practice.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

ARIÉS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: JC, 1981.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002.

BRANDÃO, Soraya Maria Barros De Almeida. O Livro Literário Na Educação Infantil: Resignificando A Prática Pedagógica. In: MELO, Glória Maria Leitão de Souza. BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida. MOTA, Marinalva da Silva (Org). **Ser Criança: Repensando O Lugar Da Criança Na Educação Infantil**. Campina Grande: Eduepb, 2009.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** - Lei nº 9.394/96. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília-DF: MEC/SEF, 1996.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **A literatura Infantil: visão histórica e crítica**. 6ª Ed. São Paulo: Global. 1989

CADEMARTORI, Lígia. **O que literatura infantil**. 4. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COELHO, Nelly N. **Literatura Infantil**. Moderna. São Paulo, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria & prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2004.

DEBUS, E. **Festaria de brincança: a leitura literária na Educação Infantil**. São Paulo: Paulus, 2006.

FRANTZ, M. H. Z. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. 4 ed. Ijuí: Ed Unijuí, 2005.

KATO, M.A. (org.). **A concepção da escrita pela criança**. Campinas, Pontes, 1997.

KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos**: uma alternativa para a educação infantil. São Paulo: Editora Ática, 2006.

ROCHA, E. C. **A Pesquisa em educação infantil no Brasil**: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia. 1999. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Campinas, 1999.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura brasileira**. Rio de Janeiro: objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.